

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



OS  
**100**  
21 DIAS DEPOIS

Eles pensavam que estavam sozinhos.  
Enganaram-se.

KASS MORGAN

TOP  
SEL  
LER

**P**ARA OS MEUS PAIS E AVÓS,  
QUE ME ENSINARAM A OLHAR O MUNDO  
E AS PALAVRAS COM DESLUMBRAMENTO.

# CAPÍTULO 1

## *Wells*

**N**inguém quis ficar perto da sepultura. Mesmo que quatro dos seus estivessem já enterrados no cemitério improvisado, os 100 permaneciam incomodados pela descida de um corpo à terra.

Também ninguém queria ficar com as costas voltadas para as árvores. Desde o ataque, o simples ruído de um ramo a partir-se era suficiente para sobressaltar os sobreviventes ansiosos. E, assim, as quase cem pessoas que se tinham reunido para dizer adeus a Asher formavam um semicírculo compacto, movendo os olhos entre o corpo na terra e as sombras na floresta.

A ausência do crepitar confortante da fogueira era evidente. Tinham ficado sem lenha na noite anterior e ninguém quisera procurar mais. Wells poderia ter ido pessoalmente, mas estivera ocupado a abrir a sepultura.

Também não houve voluntários para esse trabalho, com a exceção de um rapaz arcadiano alto e sereno chamado Eric.

— Temos a certeza de que está mesmo morto? — sussurrou Molly, afastando-se do buraco escuro como se receasse que a engolisse também a ela. Tinha apenas 13 anos, mas parecia mais nova. Parecera, pelo menos. Wells lembrava-se de a ter ajudado depois do despenhamento, quando as suas bochechas redondas estavam marcadas por lágrimas e cinza. O rosto da rapariga estava magro, quase magro demais, e havia um corte na sua testa que não parecia ter sido devidamente limpo.

Wells moveu involuntariamente o olhar para o pescoço de Asher. Para a ferida medonha onde a flecha lhe furara a garganta. Tinham passado dois dias desde a sua morte. Dois dias desde que as figuras misteriosas se tinham materializado no limiar da clareira, anulando tudo aquilo que os colonos tinham ouvido, tudo aquilo que acreditavam saber.

Tinham sido enviados para a Terra como cobaias. Como os primeiros humanos a pisarem o planeta em trezentos anos. Mas estavam enganados.

Havia quem não tivesse chegado a partir.

Acontecera tudo tão depressa. Wells não percebera que algo estava mal até Asher cair ao chão, gorgolejando enquanto tentava desesperadamente puxar a flecha cravada na garganta. Foi nesse momento que Wells se voltou, vendo-os. Com as suas silhuetas recortadas contra o sol poente, os estranhos pareciam-se mais com demónios do que com humanos. Pestanejou, quase esperando que as figuras se desvanecessem. Era impossível que fossem reais.

Mas as alucinações não disparavam flechas.

Não obtendo resposta aos seus pedidos de ajuda, Wells levou Asher para a tenda da enfermaria, onde tinham

armazenado os medicamentos resgatados ao incêndio. Mas foi inútil. Quando começou a procurar freneticamente ligaduras, Asher tinha partido.

Como era possível que houvesse gente na Terra? Era impossível. Ninguém sobrevivera ao Cataclismo. Esse facto era inquestionável, tão profundamente gravado na mente de Wells como o facto de a água congelar a zero graus Celsius ou de os planetas girarem em torno do Sol. E, no entanto, vira-o com os seus próprios olhos. Gente que não tinha vindo na nave da Colónia. Terrestres.

— Está morto — disse Wells a Molly enquanto se endireitava, cansado, antes de perceber que a maior parte do grupo o observava. Algumas semanas antes, as suas expressões teriam estado cheias de desconfiança ou mesmo de desprezo declarado. Ninguém acreditara que o filho do Chanceler fora realmente preso. Graham não sentira quaisquer dificuldades em convencê-los de que Wells fora enviado pelo seu pai para os espiar. Mas tinham passado a olhá-lo de forma expectante.

No caos que se seguiu ao incêndio, Wells organizara equipas para procurar entre os materiais que sobraram e começar a construir estruturas permanentes. O seu interesse pela arquitetura da Terra, outrora um motivo de irritação para o seu pai pragmático, permitira-lhe desenhar as três cabanas de madeira que agora se erguiam no centro da clareira.

Wells olhou o céu cada vez mais escuro. Daria qualquer coisa para que o Chanceler visse as cabanas um dia. Não para provar que tinha razão. Depois de ver o pai atingido a tiro no convés de lançamento, o rancor de Wells desvaneceu-se mais depressa do que a cor no rosto do Chanceler. Desejava apenas que o seu pai pudesse algum dia chamar casa à Terra. O resto da Colónia deveria juntar-se a eles logo

que se confirmasse que as condições na Terra eram seguras, mas tinham passado 21 dias sem sequer um brilho no céu.

Quando Wells voltou a baixar o olhar para o chão, concentrou-se novamente na tarefa que o esperava: despedir-se do rapaz que estavam prestes a enviar para o seu último repouso num local muito mais escuro.

Uma rapariga a seu lado estremeceu:

— Podemos despachar isto? — perguntou. — Não quero passar a noite aqui.

— Mais respeito — ripostou outra rapariga, Kendall, com os lábios delicados formando uma linha de desagrado. A princípio, Wells supôs que seria uma phoenixiana como ele, mas acabou por perceber que o seu olhar altivo e a dicção pausada eram apenas uma imitação dos traços das raparigas com que Wells crescera. Era uma prática relativamente comum entre os jovens waldenianos e arcadianos, apesar de nunca ter conhecido alguém que o fizesse tão bem como Kendall.

Wells moveu a cabeça para um lado e para o outro, procurando Graham, o único phoenixiano além dele e de Clarke. Normalmente, não lhe agradava permitir que Graham controlasse o grupo, mas o outro rapaz fora amigo de Asher e estava mais habilitado do que Wells a falar no seu funeral. No entanto, era um das poucos rostos que faltavam ali, além do de Clarke. Partira logo após o incêndio com Bellamy para procurar a irmã deste, deixando para trás apenas a recordação das seis palavras tóxicas que arremessara contra Wells antes de partir: «Destróis tudo aquilo em que tocas.»

Ouviu-se um estalido vindo da floresta, motivando gemidos de espanto por parte da multidão. Sem pensar, Wells puxou Molly para trás dele com um braço, apertando mais a pá com a outra mão.

No momento seguinte, Graham entrou na clareira, flanqueado por dois arcadianos, Azuma e Dmitri, e acompanhado ainda por uma rapariga waldeniana chamada Lila. Os três rapazes traziam braços de madeira, enquanto Lila prendia alguns galhos debaixo do braço.

— Então foi para ali que foram os outros machados — disse um waldeniano chamado Antonio, olhando para as ferramentas que Azuma e Dmitri traziam ao ombro. — Poderiam ter-nos sido úteis esta tarde, sabem?

Graham franziu o sobrolho ao olhar para a cabana mais recente. Estavam finalmente perto de dominar a técnica. Aquela não tinha vãos no telhado, o que significava que seria muito mais quente e seca à noite. No entanto, nenhuma das estruturas tinha janelas. Eram demasiado trabalhosas e, sem acesso a vidro ou plástico, seriam pouco mais que buracos abertos nas paredes.

— Confia em mim. Isto é mais importante — disse Graham, erguendo os braços cheios de madeira.

— Lenha? — perguntou Molly, encolhendo-se quando ouviu o ronco de Graham.

— Não. Lanças. Uns casebres de madeira não nos deixarão seguros. Precisamos de conseguir defender-nos. Quando aqueles miseráveis voltarem, estaremos prontos. — Fixou o olhar em Asher e uma expressão nada familiar surgiu-lhe no rosto. A sua habitual carapaça de raiva e arrogância fraturou-se, revelando algo que se assemelhava a pesar verdadeiro.

— Queres juntar-te a nós por um minuto? — perguntou Wells num tom suave. — Achei que poderias dizer algumas palavras pelo Asher. Conhecia-lo bem. Talvez queiras...

— Parece-me que tens tudo controlado — interrompeu Graham, deixando de olhar para o corpo de Asher enquanto se voltava para Wells. — Continua, Chanceler.

Quando o sol se pôs por completo, Wells e Eric colocavam as últimas pazadas de terra na nova sepultura, enquanto Priya entrelaçava flores à volta da tábua colocada por cima da campa. O resto do grupo afastara-se para evitar assistir ao enterro ou para reclamar um lugar nas novas cabanas. Cada uma podia albergar confortavelmente 20 pessoas, 30 se estivessem demasiado cansadas ou se tivessem demasiado frio para se queixarem de pernas errantes esticadas sobre o seu monte de cobertores chamuscados ou de um cotovelo ocasional no rosto.

Wells sentiu-se desiludido, mas não surpreendido, por descobrir que Lila voltara a reclamar uma das cabanas para Graham e para os seus amigos, deixando os mais novos tremendo ao frio ao olharem com receio para as sombras que preenchiam a clareira. Mesmo com os voluntários de vigia, ninguém fora das cabanas teria uma noite sossegada.

— Ei — disse Wells quando Graham passou por ele, transportando uma das suas lanças parcialmente concluídas. — Já que tu e o Dmitri vão cumprir outro turno de vigia, porque não dormem cá fora? Seria mais fácil encontrar-vos quando acabar o meu turno.

Antes que Graham tivesse tempo de responder, Lila avançou e entrelaçou um braço no dele.

— Prometeste que passarias a noite comigo, lembra-te? Tenho medo de dormir sozinha — disse, forçando um tom de voz agudo, muito distante da habitual brusquidão das suas palavras.

— Desculpa — disse Graham a Wells, encolhendo os ombros. Wells percebia o sorriso arrogante por detrás das suas palavras. — Odeio não cumprir promessas. — Atirou a sua lança a Wells, que a apanhou com uma mão. — Fico com um turno amanhã à noite, se não estivermos já todos mortos.

Lila exagerou um estremeção.



— Graham — censurou-o. — Não digas essas coisas!

— Não te preocupes. Eu protejo-te — disse-lhe Graham, cobrindo-lhe os ombros com um braço. — Em alternativa, certifico-me de que a tua última noite na Terra será a melhor da tua vida. — Lila riu-se, e Wells precisou de esforço para não revirar os olhos.

— Talvez deversem dormir os dois cá fora — disse Eric, saindo das sombras. — Assim, talvez nós pudéssemos dormir alguma coisa.

Graham reagiu com um grunhido trocista.

— Não finjas que o Felix não saiu do teu saco-cama esta manhã, Eric. Se há coisa que não suporto é hipocrisia.

Um vago indício de sorriso surgiu no rosto de Eric.

— Sim. Mas não nos ouviste.

— Vamos — disse Lila, puxando Graham. — Vamos antes que a Tamsin ofereça a nossa cama.

— Queres que te acompanhe neste turno? — perguntou Eric, fitando Wells.

Wells abanou a cabeça.

— Não é preciso. A Priya já está a verificar o perímetro.

— Achas que vão voltar? — perguntou Eric, baixando a voz.

Wells olhou por cima do ombro, procurando ouvidos indiscretos na escuridão. A seguir, acenou afirmativamente.

— Foi mais do que um aviso. Foi uma demonstração de força. Sejam quem forem, querem que saibamos que não estão felizes com a nossa presença.

— Não estão. Isso parece-me óbvio — disse Eric, voltando-se para olhar para a sepultura de Asher. Com um suspiro, deu as boas-noites a Wells e dirigiu-se para o aglomerado de enxergas improvisadas onde Felix e os outros se tinham reunido por força do hábito à volta da fogueira apagada.

Wells colocou a lança ao ombro e voltou-se para

procurar Priya. Dera apenas alguns passos quando o seu ombro bateu em alguma coisa, fazendo ecoar um guincho pela escuridão.

— Estás bem? — perguntou, estendendo uma mão tranquilizadora.

— Estou ótima — respondeu uma rapariga com voz trêmula. Era Molly.

— Onde dormes esta noite? Acompanho-te até à cama.

— Lá fora. Não havia mais espaço nas cabanas. — A sua voz parecia prestes a quebrar.

Wells sentiu uma grande vontade de pegar em Graham e Lila para os atirar ao rio.

— Estás quente? — perguntou. — Posso trazer-te um cobertor. — Roubaria um da cama de Graham, se fosse preciso.

— Estou bem. A noite está bastante quente, não achas?

Wells fitou-a, intrigado. A temperatura baixara consideravelmente desde o pôr do sol. Encostou as costas de uma mão à testa de Molly. Tinha a pele quente ao toque.

— De certeza que estás bem?

— Talvez esteja um pouco zozna — admitiu. Wells pressionou os lábios. Tinham perdido grande parte dos seus mantimentos no incêndio, o que significava que as rações tinham sido severamente cortadas.

— Toma — disse, levando a mão ao bolso e procurando a barra proteica que não tivera tempo de comer até ao fim. — Come isto.

Molly abanou a cabeça.

— Estou bem. Não tenho fome — disse, debilmente.

Depois de a obrigar a prometer que lhe diria se não se sentisse melhor na manhã seguinte, Wells foi procurar Priya. Tinham conseguido salvar a maior parte dos medicamentos, mas de que serviriam sem a única pessoa que sabia

usá-los? Pensou na distância que Clarke e Bellamy teriam percorrido e se conseguiriam encontrar vestígios de Octavia. O medo sobrepôs-se ao seu cansaço quando pensou nos perigos que Clarke enfrentaria na floresta. Tinha partido com Bellamy antes do ataque. Não sabiam que havia gente na floresta. Terrestres que comunicavam através de flechas letais.

Suspirou e ergueu o rosto para o céu, pedindo em silêncio proteção para a rapariga por quem arriscara inúmeras vidas. A rapariga cujos olhos tinham cintilado de ódio quando lhe disse que não queria voltar a vê-lo.

## CAPÍTULO 2

*Clarke*

**C**aminhavam há dois dias, parando apenas por uma hora ou duas para descansar. Clarke sentia um ardor na barriga das pernas, mas Bellamy não dava sinais de querer parar. Clarke não se importou. Na verdade, a dor era-lhe bem-vinda. Quanto mais pensava nos seus tendões, menos pensava na dor que levava no peito e na amiga que não conseguira salvar.

Inspirou fundo. Mesmo que estivesse vendada, conseguiria perceber que o sol se tinha posto. O ar estava carregado com o perfume das flores brancas que só abriam à noite, fazendo as árvores parecerem ter-se vestido para o jantar. Clarke gostaria de perceber qual seria a vantagem evolucionária proporcionada pelas flores estranhas. Talvez atraíssem um tipo de inseto noturno? O seu perfume inconfundível quase se tornava insuportável nos locais de maior

concentração de árvores, mas Clarke preferia-as às filas ordenadas de macieiras que vira antes com Bellamy. A pele do seu pescoço arrepiou-se ao recordar os troncos espaçados, como guardas de costas direitas em formação.

Bellamy caminhava alguns metros à sua frente. Calara-se, tal como fazia nas suas expedições de caça. Mas, daquela vez, não perseguia um coelho ou um veado. Procurava a irmã.

Passara quase um dia inteiro desde que viram o último conjunto de pegadas, e a verdade implícita tornou o silêncio mais pesado ainda, até Clarke o sentir pressionando-lhe o peito.

Tinham perdido o rasto de Octavia.

Bellamy estacou no topo da colina e Clarke parou a seu lado. Poucos metros à frente, o solo descia com inclinação acentuada até a um curso de água brilhante. A Lua no céu era enorme e brilhante, enquanto uma segunda lua tremeluzia ao fundo, refletida pela superfície das águas.

— É lindo — disse Bellamy sem olhar para ela, mas havia qualquer coisa na sua voz que ficava por dizer.

Clarke pousou-lhe uma mão no braço. Ele encolheu-se, mas não se afastou.

— Aposto que a Octavia pensou o mesmo. Será melhor descer e ver se há algum sinal de... — Clarke calou-se. Octavia não decidira fazer um passeio pela floresta. Nenhum deles o diria em voz alta, mas o desaparecimento de Octavia, a forma como as suas pegadas sugeriam que era arrastada... Alguém a levava.

«Mas quem?» Clarke voltou a pensar nas macieiras e estremeceu.

Bellamy deu alguns passos em frente.

— Parece um pouco menos íngreme aqui — disse, estendendo-lhe uma mão. — Anda.

Não falaram enquanto desciam a encosta. Quando Clarke tropeçou na lama, Bellamy apertou-lhe a mão com mais força e ajudou-a a recuperar o equilíbrio. Mas, assim que chegaram a terreno plano, soltou-a e correu em direção à água, procurando pegadas na margem.

Clarke ficou para trás, observando o lago enquanto o fascínio varria a exaustão que se instalara nos seus membros. A superfície era lisa como vidro e o reflexo da Lua parecia uma das pedras preciosas que vira ocasionalmente na Central, fechada num estojo transparente.

Quando Bellamy se voltou, a sua expressão era de cansaço, quase de derrota.

— Talvez seja melhor descansarmos — disse. — É inútil andar pela escuridão sem um rasto.

Acenando afirmativamente, Clarke pousou o saco no chão e, a seguir, ergueu os braços e espreguiçou-se. Estava cansada, transpirada e ansiava por lavar a camada de cinza que há vários dias se instalara sobre a sua pele.

Caminhou lentamente até ao lago, agachando-se e deslizado as pontas dos dedos pela superfície. Quando chegaram à Terra, empenhara-se em falar sobre a necessidade de purificarem toda a água que usassem para beber ou para tomar banho, para o caso de estar contaminada com bactérias radioativas. Mas as gotas de tintura de iodo estavam a esgotar-se e, depois de ver um incêndio matar a sua melhor amiga enquanto o seu ex-namorado a impedia de ajudar, um pouco de água do lago pareceria o menor dos seus problemas.

Expirou longamente e fechou os olhos, permitindo que a tensão se dissipasse no ar noturno.

Ergueu-se e voltou-se para Bellamy. Estava perfeitamente imóvel, olhando para o lago com uma intensidade que a arrepiou. O seu primeiro instinto foi afastar-se e dar-lhe

espaço. Mas outro instinto se sobrepôs a esse e um sorriso malicioso surgiu-lhe no rosto.

Sem uma palavra, despiu a camisola ensopada em suor, descalçou as botas sacudindo os pés e tirou também as calças manchadas com lama e cinza. Voltou-se, desejando poder ver a expressão de Bellamy ao entrar no lago vestindo apenas a roupa interior.

A água era mais fria do que esperava e a sua pele começou a arrepiar-se, mesmo sem saber ao certo se seria pela brisa noturna ou por sentir o olhar de Bellamy.

Avançou em frente, soltando um guincho quando a água lhe cobriu os ombros. Não havia água em quantidade suficiente na Colónia para permitir banhos e era a primeira vez que Clarke sentia o seu corpo inteiro submerso. Experimentou erguer os pés da lama para tentar flutuar, sentindo-se estranhamente poderosa e vulnerável ao mesmo tempo. Por um momento, esqueceu que um incêndio roubara a vida à sua melhor amiga. Esqueceu que tinham perdido o rasto de Octavia. Esqueceu que o seu fato de banho improvisado ficaria transparente quando saísse da água.

— Acho que a radiação te deve ter afetado o cérebro.

Clarke voltou-se e viu Bellamy a olhar para si com um misto de surpresa e diversão. O seu sorriso irónico familiar regressara.

Fechou os olhos, inspirou fundo e submergiu a cabeça, voltando a erguer-se no momento seguinte, rindo enquanto a água lhe escorria pela cara abaixo.

— Está perfeita.

Bellamy deu um passo em frente.

— A tua mente científica atenta intuiu que a água era segura?

Clarke abanou a cabeça.

— Não. — Ergueu uma mão no ar e fingiu examiná-la.  
— É possível que me estejam a nascer barbatanas e guelras agora mesmo.

Bellamy acenou com a cabeça, fingindo um ar solene.

— Se te crescerem barbatanas, prometo não te rejeitar.

— Confia em mim. Não serei a única mutante.

Bellamy franziu o sobrolho.

— Que queres dizer com isso?

Clarke colocou as mãos em concha, enchendo-as de água e molhando Bellamy enquanto se ria.

— Agora também vais ficar com barbatanas.

— Não devias ter feito isso. — A voz de Bellamy era grave e ameaçadora e, por um momento, Clarke pensou se o teria irritado realmente. Mas, a seguir, viu-o despir a camisola com um movimento fluido.

A Lua era tão grande e luminosa que era impossível não perceber o sorriso no rosto de Bellamy enquanto desabotoava as calças, afastando-as como se não fossem o único par que tinha no planeta. As suas pernas longas e musculadas estavam pálidas nos calções cinzentos. Clarke corou, mas não afastou o olhar.

Bellamy mergulhou no lago e percorreu a distância que os separava com algumas braçadas poderosas. Gabava-se de ter aprendido a nadar sozinho durante os seus passeios até ao rio e, para variar, parecia não ter exagerado.

Desapareceu sob a água durante tempo suficiente para Clarke sentir uma pontada de preocupação. A seguir, a mão dele segurou-lhe o pulso, e ela guinchou enquanto ele a rodopiava, esperando ser molhada como retaliação. Mas Bellamy limitou-se a olhá-la por um momento antes de erguer uma mão para lhe passar um dedo pelo pescoço.

— Ainda não tens guelras — disse com voz doce.



Clarke estremeceu quando olhou para ele. O seu cabelo molhado afastara-se da cara, e gotas de água prendiam-se à barba por fazer que lhe cobria a linha do maxilar. Os olhos escuros ardiam com uma intensidade que nada tinha que ver com o seu habitual sorriso trocista. Parecia difícil acreditar que era o mesmo rapaz que tinha abraçado despreocupadamente na floresta.

Algo mudou no seu olhar e Clarke fechou os olhos, certa de que estaria prestes a ser beijada. A seguir, ouviram algo entre as árvores e Bellamy olhou nessa direção.

— O que foi aquilo? — perguntou. Sem esperar que Clarke respondesse, avançou para a margem, deixando-a sozinha na água.

Clarke viu Bellamy pegar no arco e desaparecer entre as sombras. Suspirou. A seguir, censurou-se em silêncio pela sua tolice. Se procurassem alguém da sua família, também não perderia tempo a brincar na água. Inclinou a cabeça para trás, afastando as gotas da cara enquanto observava o céu, parecendo-lhe ver os dois corpos flutuando entre as estrelas. Que diriam os seus pais se a vissem naquele momento, ali, no planeta onde sempre sonharam viver?

— Podemos jogar ao jogo do atlas? — perguntou Clarke, inclinando-se sobre o pai para espreitar o seu *tablet*. Estava repleto de equações de aspeto complicado que Clarke não reconhecia. Mas isso mudaria em breve. Mesmo tendo apenas 8 anos, começara recentemente a estudar álgebra. Quando Cora e Glass souberam, reviraram os olhos e suspiraram alto, dizendo que a matemática era inútil. Clarke tentara explicar que, sem matemática, não haveria médicos e engenheiros, o que significava que morreriam todos de doenças preveníveis... se a Colónia não explodisse antes numa bola

de chamás. Mas Cora e Glass riram-se e passaram o resto do dia com risinhos sempre que Clarke passava por elas.

— Daqui a pouco — respondeu o pai. Franziu ligeiramente a testa enquanto passava um dedo pelo ecrã, alterando a ordem das equações. — Preciso de acabar isto primeiro.

Clarke aproximou mais a cara do *tablet*.

— Posso ajudar? Se me explicares, aposto que consigo perceber a parte difícil.

O pai riu-se e passou-lhe a mão pelo cabelo, despen-teando-a.

— De certeza que sim. Mas estares aqui sentada já é uma grande ajuda. Recordas-me porque é tão importante a nossa pesquisa. — Sorriu, fechou o programa em que trabalhava e abriu o atlas. Um globo holográfico surgiu no ar sobre o sofá.

Clarke moveu um dedo pelo ar e o globo girou.

— Qual é este? — perguntou, apontando para um país grande.

O pai semicerrou os olhos.

— Vejamos... É a Arábia Saudita.

Clarke pressionou o dedo contra o país. Ficou azul e as palavras «Nova Meca» tornaram-se visíveis.

— Ah, isso mesmo — disse o pai. — Mudou de nome algumas vezes antes do Cataclismo. — Fez girar a esfera e apontou para um país longo e estreito do outro lado do globo. — E este?

— O Chile — respondeu Clarke com confiança.

— Chilly? Isso não é um prato?

Clarke revirou os olhos.

— Pai, vais fazer essa piada sempre que jogarmos?

— Sempre. — Sorriu e puxou Clarke para o seu colo.

— Pelo menos, até irmos ao Chile. Depois, talvez perca a graça.

— David — a mãe de Clarke chamou da cozinha, onde abria pacotes proteicos e os misturava com as couves da estufa. Não gostava quando o pai de Clarke fazia piadas sobre viagens à Terra. De acordo com a sua pesquisa, o planeta precisaria de pelo menos mais cem anos para estar seguro.

— E as pessoas? — perguntou Clarke.

O pai inclinou a cabeça.

— Que queres dizer com isso?

— Quero ver onde as pessoas viviam. Porque não há apartamentos no mapa?

O pai sorriu.

— Receio que não tenhamos nada assim tão pormenorizado. Mas as pessoas viviam por toda a parte. — Acompanhou com o dedo as linhas irregulares. — Viviam junto ao oceano... viviam nas montanhas... no deserto... ao longo dos rios.

— Porque não fizeram nada quando souberam que o Cataclismo vinha a caminho?

A mãe aproximou-se do sofá.

— Aconteceu tudo muito depressa — disse, depois de se sentar. — E não havia muitos sítios na Terra onde as pessoas pudessem esconder-se da radiação. Acho que os chineses estavam a construir uma estrutura aqui. — Ampliou o mapa e apontou para um ponto no extremo direito. — E falou-se em alguma coisa perto do banco de sementes, aqui. — Levou o dedo ao topo do mapa.

— E Mount Weather? — perguntou o pai.

A mãe de Clarke girou o globo.

— Ficava no que era conhecido como Virgínia, certo?

— O que é Mount Weather? — perguntou Clarke, inclinando-se para ver melhor.

— Muitos anos antes do Cataclismo, o governo dos Estados Unidos construiu um grande *bunker* subterrâneo

para ser usado em caso de guerra nuclear. Parecia improvável que acontecesse, mas tinham de fazer alguma coisa para proteger o presidente. Era como se fosse o seu Chanceler — explicou a mãe. — Quando as bombas caíram finalmente, ninguém conseguiu chegar lá a tempo. Nem mesmo o presidente. Foi demasiado repentino.

Uma pergunta desconfortável invadiu os outros pensamentos na cabeça de Clarke.

— Quantas pessoas morreram? Milhares?

O pai suspirou.

— Milhares de milhões.

— Milhares de milhões? — Clarke levantou-se e foi até à pequena janela redonda, repleta de estrelas. — Acham que estão todos aqui agora?

A mãe aproximou-se e pousou-lhe uma mão no ombro.

— O que queres dizer com isso?

— O paraíso não fica algures no espaço?

A mãe de Clarke apertou-lhe ligeiramente o ombro.

— Acho que o paraíso é onde o imaginarmos. Sempre imaginei que o meu ficasse na Terra. Numa floresta cheia de árvores, algures.

Clarke colocou a sua mão por baixo da mão da mãe.

— Então o meu também será aí.

— E sei qual será a canção que se ouvirá nos portões do paraíso — disse o pai, rindo-se.

A mãe voltou-se.

— David, não te atrevas a voltar a tocar essa canção. — Mas era tarde demais. Já havia música a sair pelas colunas das paredes. Clarke sorriu quando ouviu os primeiros versos de *Heaven is a Place on Earth*.

— A sério, David? — perguntou a mãe, franzindo o sobrolho.

O pai riu-se e aproximou-se para lhes pegar nas mãos. Rodopiaram os três pela sala, cantando a sua canção preferida.

— Clarke! — Bellamy saiu de entre a linha de árvores, ofegante. Não havia luz suficiente para ver a expressão na sua cara, mas percebia a urgência na voz dele. — Vem ver isto!

Clarke avançou atabalhoadamente pela água e alcançou a margem lamacenta. Esqueceu-se de que estava seminua e correu, ignorando as pedras por baixo dos pés descalços e o frio noturno.

Encontrou-o agachado e olhando para alguma coisa que não conseguia identificar.

— Bellamy! — chamou. — Estás bem? O que foi aquele barulho?

— Nada. Um pássaro ou alguma coisa do género. Mas olha para isto. É uma pegada. — Apontou para o chão. O seu sorriso esperançoso brilhava. — É da Octavia. Tenho a certeza. Encontrámos o seu rasto.

O alívio inundou Clarke ao ajoelhar-se para ver melhor. Parecia haver outra pegada a poucos metros de distância, numa poça de lama. Ambas pareciam bastante recentes, como se Octavia tivesse passado por ali horas antes. Mas, antes de poder dizer alguma coisa, Bellamy ergueu-se, puxou Clarke e beijou-a.

Continuava molhado e, quando lhe rodeou a cintura com os braços, a pele húmida dele colou-se à sua. Por um momento, o mundo à sua volta dissipou-se. Tudo o que existia era Bellamy. O calor do seu hálito, o sabor dos seus lábios. Sentiu a mão dele a deslizar pela sua cintura e estremeceu, percebendo subitamente que estavam ambos encharcados e vestidos apenas com a roupa interior.

Uma brisa fria soprou entre a copa das árvores e dançou contra a nuca de Clarke. Voltou a estremecer e Bellamy afastou lentamente os lábios.

— Deves estar gelada — disse-lhe, esfregando-lhe as costas.

Clarke abanou a cabeça.

— Vestes ainda menos roupa do que eu.

Bellamy percorreu-lhe o braço com um dedo, puxando-lhe a alça molhada do soutien.

— Podemos resolver isso, se te incomoda.

Clarke sorriu.

— Acho que será boa ideia vestir mais roupa antes de seguirmos estas pegadas pela floresta fora. — Mesmo que não acreditasse que as pegadas fossem desaparecer da noite para o dia, sabia que Bellamy não queria demorar-se agora que tinham encontrado um rasto.

Ele fitou-a.

— Obrigado — disse, inclinando-se para a beijar mais uma vez antes de lhe pegar na mão, conduzindo-a até à margem.

Vestiram-se sem perder tempo, pegaram nos sacos e regressaram à floresta repleta de sombras. O rasto foi fácil de seguir, ainda que Bellamy visse sempre a pegada seguinte muito antes de Clarke. Teria a caça tornado a sua vista mais apurada? Ou seria uma consequência do desespero?

— Esquece as guelras. Acho que estás a desenvolver visão noturna — disse ela quando o viu correr para mais uma pegada em que não tinha reparado. Fora uma piada, claro, mas viu-o franzir a testa. Era evidente que os níveis de radiação na Terra não eram tão elevados como reudara outrora, mas isso não significava que estariam seguros. O envenenamento por níveis baixos de radiação poderia

levar semanas a manifestar-se, mesmo que as suas células tivessem começado já a deteriorar-se. Tanto quanto sabia, poderia ser esse o motivo para não terem chegado mais naves. E se o Conselho não esperasse para determinar se a Terra era ou não segura porque os dados biométricos dos 100 tinham já provado o contrário?

Com o coração acelerado, Clarke olhou para o monitor preso ao pulso e contou os dias que tinham passado na Terra. Mirou a Lua quase cheia. Fora um crescente fino na noite terrível do despenhamento. Sentiu um aperto no estômago ao recordar um momento crucial na pesquisa dos seus pais. O dia em que o estado da maioria dos pacientes se agravaria. O vigésimo primeiro dia.

— Estou habituado a procurar coisas na escuridão — disse Bellamy, ignorando a sua ansiedade. — Na Colónia, costumava entrar à socapa em armazéns abandonados. A maioria já não tinha eletricidade.

Clarke encolheu-se quando um ramo lhe roçou a perna.

— O que procuravas? — perguntou, afastando a preocupação. Se alguém começasse a revelar sinais de envenenamento radioativo, tinham alguns medicamentos que poderiam ajudar, mas numa quantidade ínfima.

— Peças velhas de máquinas, tecidos, relíquias fabricadas na Terra. Qualquer coisa que pudesse ter valor na Central. — Falava num tom despreocupado, mas Clarke percebia um sinal de tensão na sua voz. — A Octavia nem sempre recebia comida suficiente no centro de internamento. Tinha de encontrar uma forma de conseguir mais pontos de racionamento.

Ouvi-lo admitir aquilo afastou Clarke dos seus pensamentos. Sentiu o peito dorido ao imaginar uma versão mais jovem do rapaz à sua frente, sozinho num armazém escuro e cavernoso.

— Bellamy — começou, procurando as palavras certas e calando-se quando viu alguma coisa cintilando nas sombras além das árvores. Sabia que devia seguir em frente. Não podiam perder mais tempo. No entanto, algo no brilho fez Clarke parar. — Bellamy, vem ver isto — disse, seguindo na direção do brilho.

Havia alguma coisa no chão, alguma coisa que se encontrava entre as raízes de uma grande árvore. Clarke curvou-se para ver melhor e percebeu que era metálico. Encheu os pulmões e estendeu a mão para os pedaços longos e retorcidos. De que fariam parte? E como tinham vindo parar ali, ao centro da floresta?

— Clarke? — gritou Bellamy. — Para onde foste?

— Estou aqui — respondeu-lhe. — Tens de ver isto.

Bellamy manteve-se em silêncio a seu lado.

— O que se passa? — Tinha a respiração acelerada e a sua voz estava apreensiva. — Não podes afastar-te assim. Temos de ficar juntos.

— Olha. — Clarke ergueu um pedaço de metal ao luar. — Como é possível que isto tenha sobrevivido ao Cataclismo?

Bellamy moveu o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Não faço ideia — disse. — Podemos seguir caminho? Não quero perder o rasto.

Clarke estava prestes a colocar novamente o estranho artefacto no chão quando viu duas letras familiares gravadas no metal. «TG». Trillion Galactic.

— Oh, meu Deus — murmurou. — Veio da Colónia.

— O quê? — Bellamy agachou-se a seu lado. — Deve ser um destroço da nave em que viemos, não?

Clarke abanou a cabeça.

— Não me parece. Estamos a pelo menos seis quilómetros do acampamento. É impossível que seja um destroço



do despenhamento. — «Do nosso despenhamento, pelo menos», pensou.

Clarke sentiu-se subitamente desorientada, como se tentasse distinguir entre uma recordação e um sonho.

— Há mais pedaços espalhados em redor. Talvez sejam de alguma coisa que... — Calou-se e gritou, sentindo uma dor a subir-lhe pelo braço direito.

— Clarke? Estás bem?

O braço de Bellamy rodeou-a, mas ela não conseguiu olhar para ele. Os seus olhos estavam fixados em alguma coisa no chão. Alguma coisa longa, escura, fina e que se contorcia.

Tentou apontar para a criatura, mas percebeu que não conseguia mover-se.

— Clarke! O que se passa? — gritou Bellamy.

Clarke abriu a boca, mas não conseguiu produzir qualquer som. O aperto que sentia no peito começou a intensificar-se. O braço parecia arder-lhe.

— Merda — ouviu Bellamy dizer. Já não conseguia vê-lo. O mundo em redor começara a girar. As estrelas, o céu, as árvores e as folhas rodopiavam na escuridão. O calor tórrido que lhe dominara o braço dissipou-se. Tudo se dissipava. Encostou-se a Bellamy e sentiu-se sendo erguida do chão. Não tinha peso. Era como quando estivera submersa. Como os seus pais naquele preciso momento.

— Clarke, fica comigo — disse-lhe Bellamy algures, muito longe. A escuridão cercava-a, com as estrelas a envolverem-lhe os braços e as pernas.

A seguir, apenas silêncio.

## CAPÍTULO 3

### *Glass*

**G**lass ergueu a cabeça do peito de Luke, tentando não se sentir assustada pelo esforço que isso exigia. Viu-o sorrir enquanto se sentava e colocava as pernas longas fora do sofá. Não sabia se era a falta de oxigénio que a deixava zozna ou se estaria apenas cansada por ter passado a noite quase toda acordada. Quando se deitava na cama com Luke, a última coisa que queria era dormir. Não sabiam quanto tempo lhes restava e, por isso, cada momento era precioso. Tinham passado as noites anteriores juntos, segredando pensamentos incompletos ou memorizando em silêncio o som do batimento cardíaco um do outro.

— Talvez fosse melhor ir buscar mais mantimentos. — O tom de voz de Luke era tranquilo, mas ambos percebiam a gravidade do que propunha. Desde que a ponte aérea entre as naves fora encerrada, o caos em Walden intensificara-se.

Os esforços desesperados dos waldenianos para encontrar e armazenar alimentos tinham-se tornado violentos. Dispondo de uma quantidade reduzida de pacotes proteicos, Glass e Luke tinham-se barricado dentro do minúsculo apartamento de Luke, esforçando-se para ignorar os sons que ecoavam pelos corredores. Os berros furiosos de vizinhos disputando mantimentos, os gritos frenéticos de mães procurando crianças perdidas, os gemidos dolorosos de quem respirava o ar cada vez mais rarefeito.

— Está tudo bem — disse Glass. — Temos comida suficiente para alguns dias. E, depois disso... — Calou-se, afastando o olhar.

— Tens muito talento para manter a calma sob pressão. É um bocado assustador. Devias ter sido guarda. — Colocou-lhe um dedo sob o queixo. — A sério — disse, em resposta à sua expressão cética. — Sempre achei que as mulheres eram os melhores guardas. É pena que as raparigas de Phoenix nunca pensem nisso.

Glass esboçou um sorriso discreto, imaginando a surpresa de Wells, o seu melhor amigo, se a visse no primeiro dia do curso de oficiais. A princípio, ficaria provavelmente demasiado chocado para conseguir falar, mas tinha a certeza de que a apoiaria. Antes de conhecer Luke, Wells fora a única pessoa que a levava a sério, acreditando que os seus talentos iriam além de namorar e arranjar o cabelo.

— Acho que podia tentar. Desde que ninguém tentasse obrigar-me a sair para o espaço. — Pensar nisso era suficiente para a deixar agoniada, imaginando-se a sair para fora da gravidade artificial.

Luke pigarreou.

— Não deixam qualquer um sair para o espaço — disse com grandiloquência. Luke fazia parte do corpo de elite de guardas que também recebiam formação em engenharia,

sendo responsáveis pelas cruciais e perigosas reparações da nave. Glass nunca esqueceria o medo que sentira semanas antes, vendo Luke sair da nave para inspecionar uma comporta estanque avariada. Durante vinte minutos enervantes, um cabo fino fora a única coisa que o impedira de se perder no vazio do espaço. Um cabo fino e as orações fervorosas de Glass. — Além disso, ficarias muito gira com a farda.

— Queres que experimente vestir a tua? — perguntou Glass, fingindo-se inocente.

Luke sorriu.

— Talvez mais tarde. — Mas, assim que as palavras abandonaram os seus lábios, a sua expressão entristeceu. Ambos sabiam que não haveria «mais tarde».

Glass levantou-se e passou o cabelo longo para trás do ombro.

— Vamos — disse, pegando na mão de Luke. — Tenho uma ideia para o jantar.

— A sério? Consequiste decidir entre pasta proteica com dois dias e pasta proteica com três dias?

— A sério. Vamos fazer uma coisa especial. Porque não usamos os pratos? — Relíquias fabricadas na Terra eram raras em Walden, mas a família de Luke guardara dois pratos magníficos que um antepassado tinha trazido para a nave.

Luke hesitou durante uma fração de segundo antes de se levantar.

— Parece-me uma boa ideia. Vou buscá-los. — Apertou a mão de Glass antes de se dirigir ao seu quarto, onde escondia as relíquias valiosas.

Glass foi à casa de banho minúscula e viu-se ao espelho demasiado estreito e riscado sobre o lavatório. No passado, sentira-se incrivelmente frustrada com a falta de espaço

para se arranjar, mas passara a sentir-se grata por não saber exatamente que aspeto teria depois de usar a mesma roupa durante três dias. Penteou o cabelo com os dedos e lavou a cara com água tépida.

Pareceu-lhe que não tinha demorado muito tempo, mas, quando voltou à sala, viu que o apartamento fora transformado. As luzes trémulas perto da mesa não eram feixes elétricos. Eram velas.

— Onde as arranjaste? — perguntou, surpresa, ao aproximar-se para ver melhor. Não restavam muitas velas na Colónia inteira, sobretudo em Walden.

— Guardava-as para uma ocasião especial — respondeu Luke, saindo do seu quarto. Quando os olhos de Glass se ajustaram à escuridão, susteve a respiração. Luke vestira calças escuras e o que parecia ser um casaco a condizer. Seria um fato a sério? Raramente surgiam na Central. Até os homens de Phoenix tinham dificuldades em conseguir encontrá-los.

Glass vira Luke de costas direitas e expressão séria na sua farda de guarda. Vira-o descontraído e risonho com roupa civil, brincando à apanhada com miúdos pequenos no seu corredor. Com o fato, parecia tão confiante como Luke, o soldado, mas a sua postura era diferente. A desinibição era maior.

— Não estou vestida à altura — disse Glass, puxando a manga da sua camisa um pouco encardida.

Luke inclinou a cabeça e fitou-a durante um longo momento.

— Pois a mim pareces-me perfeita. — Havia um indício de admiração na voz de Luke que fez Glass sentir-se grata pelas velas e pela luz trémula que escondia o estado real das suas roupas velhas e o rubor repentino que lhe surgiu na cara.

Deu alguns passos em diante e passou-lhe um dedo pela manga.

— Onde arranjaste isto?

— Era do Carter.

O nome fez Glass afastar a mão como se a tivesse queimado.

— Estás bem? — perguntou Luke.

— Sim, estou — apressou-se a responder Glass. — Fiquei surpreendida. O Carter nunca me pareceu o tipo de rapaz que usasse um fato. — Carter era um rapaz mais velho que acolhera Luke depois da morte da sua mãe. Alegava tê-lo feito por caridade, mas Glass sempre suspeitara que o verdadeiro motivo residia nos pontos de racionamento adicionais. Era preguiçoso, manipulador e perigoso e, uma vez, tentara abusar de Glass enquanto esta esperava Luke no apartamento. Normalmente, Luke não era ingénuo, mas a sua admiração de infância por Carter cegava-o para as suas falhas, e Glass nunca conseguira fazê-lo perceber a verdade acerca do homem que ele via como uma espécie de mentor.

Luke encolheu os ombros.

— E não era. Houve um mês em que tinha pontos a menos e comprei-lhe o fato. Foi bastante generoso da parte dele. Podia ter conseguido muito mais na Central.

«Não, não podia», pensou Glass. «Porque teria sido preso por vender bens roubados.» Sentiu uma pontada de culpa. Carter fora um traste, mas tinha morrido. Fora executado por um crime que não cometera.

E a culpa era de Glass.

No ano anterior, Glass fizera uma descoberta assustadora. Descobrira que estava grávida. Era uma violação das rígidas leis de controlo populacional da Colónia, punida com Reclusão para menores... e com a morte para todos os que tivessem mais de 18 anos.

Desesperada por manter Luke em segurança, Glass esforçara-se para esconder a sua condição. Mas, quando a gravidez foi descoberta, foi presa e forçada a identificar o pai. Soube que, se dissesse a verdade, Luke, com os seus 19 anos, seria executado. Por isso, num momento de pânico, disse o nome de um homem que a arrepiava, um homem que sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria preso de qualquer forma: Carter.

Luke não sabia o que Glass fizera. Ninguém em Walden sabia porque fora Carter levado a meio da noite. Pelo menos, Glass acreditara nisso até dois dias antes, quando Camille, a melhor amiga de Luke e sua ex-namorada, ameaçara expor o segredo de Glass se ela não fizesse tudo o que queria.

— Comemos? — perguntou Glass debilmente, desesperada para mudar de assunto.

Luke colocou os dois pratos na mesa, fazendo-os tilintar.

— O jantar está servido.

A quantidade de pasta proteica que restava era ridícula, mas Glass percebeu que Luke lhe dera uma porção muito maior. O lado positivo da escassez de mantimentos era o facto de permitir a Glass admirar os desenhos que decoravam os pratos. Um deles mostrava um casal diante da Torre Eiffel e o outro mostrava o mesmo casal passeando um cão num parque. Luke não conhecia a história por detrás das relíquias, mas Glass gostava de imaginar que um casal real teria comprado os pratos na sua lua de mel, trazendo-os para a Colónia como lembrança.

— É estranho vestir-me para comer pasta proteica? — perguntou Luke, enquanto enchia a sua colher.

— Não me parece. Durante algum tempo, o Wells andou obcecado com um livro sobre um naufrágio famoso. Parece

que todos vestiram as suas melhores roupas e ouviram música enquanto o navio se afundava.

Glass orgulhava-se de conhecer aquele pequeno facto da história da Terra, mas, em vez de parecer impressionado, Luke reagiu com um esgar incomodado.

— Devias ter ficado em Phoenix — disse, baixando a voz. — Vires para aqui foi como embarcar num navio prestes a afundar. — Mesmo que Walden e Arcadia tivessem sido esquecidas pelo Conselho, abandonadas à sua morte enquanto as reservas de oxigénio se esgotavam, Phoenix, a nave central, continuava a ter oxigénio. Glass abandonara a segurança da sua nave para se juntar a Luke em Walden. — Achas que a Camille conseguiu passar? — perguntou Luke, enquanto usava a colher para traçar um padrão na pasta proteica.

Glass conteve um esgar próprio. Quando chegou a Walden, Camille, a ex-namorada de Luke, exigira que Glass lhe mostrasse como passara de nave em nave. E, quando Glass hesitou, sabendo que os guardas abateriam a tiro uma waldeniana encontrada em Phoenix depois de a ponte aérea ter sido encerrada, Camille segredara-lhe a ameaça mais aterradora que Glass poderia imaginar: se não a ajudasse, Camille contaria a Luke o que acontecera a Carter. Glass não sabia como a outra rapariga tinha descoberto o seu segredo, mas não perdeu tempo a tentar descobrir enquanto conduzia apressadamente Camille à conduta de ar secreta que ligava Walden a Phoenix.

— Espero que sim — disse, respondendo à pergunta de Luke e virando a cara para evitar o seu olhar.

— Ainda não é tarde para ti — disse Luke com cautela. Implorara-lhe que regressasse com Camille, mas recusou sempre. — Podias passar pela conduta e...

Glass deixou cair a colher sobre o prato.



— Não — disse, num tom um pouco mais ríspido do que pretendia. — Já falámos sobre este assunto.

Luke suspirou.

— Está bem. Então que tal isto? — Encheu os pulmões para falar, mas viu o olhar de Glass e riu-se.

— O que foi? — perguntou Glass. — Qual é a graça?

— Estavas a franzir-me a testa.

Glass endireitou as costas.

— Estou incomodada. Não sei porque achas tanta piada a isso.

— Porque tenho a certeza de que era exatamente essa cara que fazias quando eras pequenas e não te faziam as vontades.

— Vamos, Luke. Estou a tentar falar a sério.

— Eu também — disse ele, levantando-se da cadeira. — Vem comigo. — Pegou-lhe na mão e fê-la levantar-se. — E se passasses pela conduta só para dar uma vista de olhos? Se não houver guardas a patrulhar Phoenix, podes voltar e dizer-me.

Glass hesitou por um momento, estudando-lhe o rosto e tentando perceber se estava a ser sincero. Tentando perceber se não era um estratagema para a convencer a regressar à segurança de Phoenix, fechando a conduta de ar de uma vez por todas, impedindo-a de voltar.

— E, depois, vens comigo?

Luke acenou afirmativamente.

— Se não houver guardas por perto na saída da conduta, podemos tentar chegar ao teu apartamento sem que nos vejam. Depois... — Calou-se.

Glass pegou-lhe na outra mão e apertou-a. Ambos sabiam que a fuga para Phoenix lhes daria apenas um pouco mais de tempo. A Colónia desintegrava-se e até Phoenix acabaria por ficar sem oxigénio.

Após um longo momento, Luke quebrou o silêncio.

— Podem começar a enviar pessoas nas naves.

— O quê? Antes de saberem se é ou não seguro? — Glass não devia ter-se sentido surpresa. A Colónia perdera o contacto com os cem adolescentes reclusos que tinham sido enviados para a Terra para testar os níveis de radiação. Noventa e nove adolescentes, na verdade, já que Glass deveria ter sido um deles, mas fugira da nave e regressara à Colónia. Sentia um aperto no peito sempre que pensava em Wells, que também integrara a missão. Wells sonhara sempre com uma ida à Terra. Glass lembrava-se de, por insistência sua, terem brincado aos gladiadores no ginásio gravitacional durante a sua fase romana. Ou da forma como fingira ser um gorila devorador de homens quando brincavam à selva atrás do gabinete do pai dele.

Tinha esperança de que continuasse vivo. Que não tivesse sido atacado por gorilas devoradores de homens ou, pior ainda, que não tivesse morrido lentamente, vítima da radiação. Tinha esperança de que tivessem conseguido chegar à superfície inteiros.

— Não têm alternativa — afirmou Luke secamente. Os seus olhos procuraram os de Glass. — Devias ter ficado na nave.

— Sim. Mas tinha deixado uma coisa muito importante para trás.

Luke ergueu uma mão e passou um dedo pela corrente do medalhão que lhe oferecera no seu dia de anos.

— Claro. Não podias ir para a Terra sem as tuas joias.

Glass bateu-lhe com uma mão no ombro num gesto brincalhão.

— Sabes do que falo.

Luke riu-se.

— Anseio por te ver franzir a testa na Terra.

— É a única coisa pela qual anseias?

— Não. — A mão de Luke moveu-se para a sua nuca enquanto baixava o rosto para o dela, dando-lhe um beijo superficial. — Anseio por muito mais do que isso.

# OS 100

## 21 DIAS DEPOIS

Passaram 21 dias desde que os 100 chegaram à Terra. Há 21 dias, eles pensavam ser os primeiros humanos a pisar o solo terrestre em séculos. Há 21 dias, eles pensavam estar sozinhos e seguros. Mas a realidade era completamente diferente. E ninguém estava preparado para ela...

Nesta excitante aventura de *Os 100*, há segredos revelados, crenças postas em causa e relações testadas ao limite. Os 100 vão ser postos à prova e terão de se unir para sobreviver.

**«Misterioso e excitante, uma combinação perfeita de *Os Jogos da Fome* com *O Deus das Moscas*.»**

*Booklist*

Leia também:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-60-6



9 789898 831606

Ficção Científica